

«RISCO É NÃO CORRER RISCOS»

Gênero e geração nas migrações irregulares entre África Ocidental e América do Sul.¹

Pilar Uriarte Bálsamo
Doutoranda em Antropologia Social PPGAS-UFRGS

Resumo

Este trabalho analisa as migrações irregulares desde portos de África Ocidental. Trata-se dos *stowaways*; jovens de sexo masculino entre 15 e 30 anos que embarcam clandestinos em navios de carga. A popularização deste tipo de travessias -em condições de alto risco e com relativas possibilidades de êxito- pode ser considerada uma resposta às restrições impostas as migrações internacionais. Neste trabalho utilizamos uma abordagem etnográfica, para entender o fenômeno desde a perspectiva dos jovens que o protagonizam, colocando a ênfase nos elementos de gênero e geração que o atravessam. O lugar que esses jovens definem para se mesmos -*guys from the ghetto*- é apontada como a determinante de um estilo de vida e uma posição particular na sociedade englobante; assim como a condição que provoca e viabiliza a realização das travessias, valorada de forma ambivalente, com sentimentos de orgulho e desesperança.

Palavras-chave: *masculinidade, juventude, África Ocidental.*

Introdução

A crescente atenção dada ao fenômeno migratório a nível mundial, tanto na opinião pública, quanto no meio acadêmico tem uma importante vinculação com o número cada vez maior de pessoas provenientes do terceiro mundo, chegando aos países desenvolvidos de Europa e América do Norte. As dificuldades de integração e assimilação dessa população são cada vez mais evidentes, produzindo migrantes de segunda e terceira geração - filhos de migrantes, nascidos em novo território, mas que não são considerados cidadãos desses países (Sayad; 1998).

Tomando esta situação como ponto de partida, as pesquisas na área das migrações focam em diferentes assuntos. Quando trabalham da perspectiva do ponto de partida abordam as dinâmicas do deslocamento, a conformação de redes de migrantes que abrem os canais de acesso ao novo país; a existência de organizações ilegais, vinculadas ao tráfico e exploração de pessoas (Findley; 2004 – Lobo; 2006). Quando o fazem na sociedade de destino, focam

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

nas vinculações com a terra de origem, o envio de remessas, a continuidade dos laços afetivos, obrigações e direitos familiares e de redes de influência, as estratégias de integração, a conformação de redes de sociabilidade e as dificuldades de negociação com as instituições e serviços de assistência, etc. (Mazzucato; 2005 – Maffia; 2003 – Horst; 2004).

A revisão dessas pesquisas nos informa que trata-se de um fenômeno de crescente diversificação. Chama a atenção a feminização dos fluxos migratórios, a passagem das atividades produtivas para as atividades comerciais por parte dos migrantes e a diversificação dos destinos escolhidos para além dos clássicos destinos coloniais, ampliando a escolha a outros países onde a presença de migrantes é menor (Black; 2004).

Frente à importância numérica do fenômeno migratório na África, os casos que vou analisar aqui poderiam ser considerados “marginais”, seja por ser pouco significativos quantitativamente, por não responder às características dos fluxos migratórios atuais, ou por não representar de forma tão contundente um problema para as sociedades de destino. Contudo, acredito que ao ser analisado no seu contexto e fazendo parte de dinâmicas migratórias e sociais mais amplas, ele pode aportar chaves de análise muito interessante. Mesmo que pouco conhecido e praticamente inexplorado, este é um fenômeno em aumento entre jovens de sexo masculino dos *ghetos* das principais cidades portuárias da região (Adepoju; 2006). Seu interesse reside justamente nas particularidades, que o caracterizam como sendo um fenômeno específico de jovens de sexo masculino, habitantes das grandes metrópoles.

Alguns dos jovens com que trabalhei tanto em América do Sul, quanto em África Ocidental, tentaram a saída do continente em várias oportunidades e desde diferentes portos, sendo achados antes de o barco zarpar ou durante a travessia foram devolvidos ao país de origem. Em outros casos, esses jovens, sem nenhum tipo de garantia dentro do barco e sem um registro de qual o navio abordado, são lançados ao mar, perto da costa ou em alto mar, onde nem sempre conseguem sobreviver. Os mais afortunados chegam a diferentes portos nos quatro cantos do planeta, donde às vezes conseguem permanecer e outras são deportados.

O gênero como problema de pesquisa

Minha aproximação ao tema se produziu a partir do conhecimento de dois episódios de jovens nigerianos em Montevideu e Maldonado (Uruguai) e outro episódio de jovens de diferentes países da região que saíram de Abidjan (capital e principal porto de Costa do Marfim) e que chegaram ao povoado de Soro (região oriental de Venezuela). Além desses três conjuntos, foco de meu trabalho, outros casos de *polizontes* e naufragos têm sido registrados,

por contatos pessoais em Uruguai e Argentina e em outros países de América do Sul, África e Ásia através da imprensa.

A forma de aproximação ao objeto de análise gerou, por si mesma, um tipo de recorte do objeto, claramente delimitado por variáveis de geração e gênero. Essas duas variáveis apareciam como naturais pelas características das pessoas com que estava trabalhando. Tratava-se de uma população jovem e masculina. Deslocados de seu contexto de origem e numa situação de relativo isolamento social sua naturalização resultou facilmente assimilável a partir do relato dos próprios protagonistas dessa aventura. Segundo eles me explicaram resultaria impossível para uma mulher se arriscar numa aventura desse tipo, e não faria sentido para um homem mais velho que não teria a resistência necessária para sobreviver a travessia.

A continuidade da pesquisa me levou a trabalhar no contexto de integração desses jovens na sociedade de destino, e posteriormente no local de partida em África Ocidental. Essa etapa da pesquisa de campo foi realizada em diferentes localidades de Ghana e na capital de Nigéria, Lagos, e levou no total um período de seis meses. Desde essa nova perspectiva, os dados mostraram com maior facilidade que as noções de masculinidade e juventude veiculadas por esses jovens são muito particulares, e se constituem em elementos fundamentais para entender os motivos que os levaram a se embarcar em tais aventuras.

As concepções de masculinidade expressadas por eles apresentam-se como elementos constitutivos da toma de decisões relativas à migração. A partir disso surgiu a necessidade de analisar essas categorias desde uma perspectiva teórica apropriada, em relação com visões mais amplas sobre gênero e geração e à posição social que esses jovens ocupam no país de origem e no país de destino. Assim, o presente trabalho se inscreve no projeto de longa data da antropologia, de observar e compreender de forma reflexiva, categorias anteriormente tidas por dadas, incorporando nessa reflexividade a visão daqueles que são os portadores e criadores desses significados.

Da perspectiva das ciências sociais, o gênero não é uma condição intrínseca às diferenças biológicas, mas são estas que levantadas como relevantes e significadas de formas diferentes em cada cultura, constroem idéias particulares do que é ser um homem ou ser uma mulher; geralmente, mas não necessariamente em oposição binária (Moore; 1997). As identidades e os papéis sociais que essas categorias envolvem estão determinados por contextos sócio-históricos específicos; dizemos por tanto, que as noções de gênero são fluidas e situacionais. Estas, assim como outros tipos de identidades individuais e coletivas, étnicas, raciais, de cor, classe ou geração, se constroem em processos nunca acabados, onde as

pessoas negociam posições de poder relativas, enquanto indivíduos ou representantes de categorias sociais (Cornwall-Lindisfarne; 1994).

Isto, que no momento atual das ciências sociais é aceito como ponto de início de qualquer análise sobre gênero, tem um desenvolvimento relativamente recente. O processo de desconstrução do conceito de gênero começou a partir dos trabalhos feministas durante a década de 70 e que surgiram com a tentativa de entender a universalidade da dominação masculina, chegando até a desconstrução dos pressupostos teóricos e políticos nos quais se baseia a universalização das categorias sexo-gênero (Scott; 1990).

As representações de masculinidade que vamos analisar se constroem a partir da identificação com pares e em oposição à sociedade englobante, na qual esses jovens têm dificuldades para encontrar um papel social com o qual se identificar. Assim, essa identidade de gênero se aponta como um dado significativo, não para entender a integração comunitária, mas, pelo contrário, como um elemento determinante que leva esses jovens a um corte com seu meio social a través da emigração.

Desde a perspectiva de Cornwall e Lindisfarne (1994), podemos falar de masculinidades hegemônicas e masculinidades -ou variantes de masculinidades- subalternas. Isto significa formas socialmente aceitas, ou mais valorizadas de ser “homem”. Essa classificação envolve em si mesma uma hierarquização e uma distribuição de poder que não se desprende das diferenças sexuais, mas da leitura de atributos sociais associados às identidades de gênero, construídos, às vezes em contraste com a feminilidade, às vezes em contraste entre identidades masculinas dominantes.

Mais adiante, veremos quais os atributos de masculinidade que esses jovens operam para a construção de uma identidade própria valorizada no grupo de pares e que não respondem às expectativas sociais que vinculam a masculinidade à hierarquia, o mando e fundamentalmente a uma posição econômica solvente.

Partindo de uma concepção de gênero como relações e poder, e de uma concepção de poder como posições relativas a um sistema mais amplo que envolve também posições de classe, pertencimentos étnicos e de geração, questiona-se a associação direta entre masculinidade e dominação que coloca uma hierarquia estática entre os dois gêneros. Isto é importante, porque, como pretendo demonstrar, o fato de ser homens, e fundamentalmente homens jovens e pobres, coloca a essas pessoas numa situação de subalternidade, na qual a alternativa de migrar sob risco de perder suas vidas, aparece como atraente. Para isso é necessário entender o contexto em que esses jovens estão situados quando decidem embarcar nesses particulares processos migratórios; que dentro do complexo fluxo de movimentos de

população que na África Ocidental² se constituem estratégia de longa data, utilizada como uma forma para o melhoramento das condições de vida dos habitantes do continente africano (Black; 2004) ³.

“Jovens do gueto” a vida numa grande metrópole africana

Se olharmos desde a perspectiva da travessia transoceânica, o movimento migratório que estamos analisando tem um caráter fundamentalmente urbano. É nas grandes metrópoles, que concentram as atividades comerciais e portuárias e o maior número de população, que esse fenômeno se gesta e espalha entre os jovens habitantes das regiões pobres e medias dessas grandes cidades. Mas, como vários autores já têm demonstrado (Adepoju; 2006 – Dumtra; 2003), o crescimento dos centros urbanos está diretamente vinculado às migrações, internas e internacionais, do espaço rural às cidades, e entre as diferentes capitais da região. Assim, ao abordar o fenômeno desde uma perspectiva um pouco mais ampla vemos que tanto as dinâmicas demográficas da região, quanto as trajetórias desses jovens estão fortemente marcadas pelos deslocamentos pessoais e familiares dentro da região e no continente (Uriarte; 2007).

A população africana tem se mobilizado desde sempre e por diversos motivos; como estratégia de sobrevivência, como forma de fugir de impostos ou de serviços pessoais ou como uma alternativa para aumentar o capital cultural e simbólico. Mas se a migração é um fenômeno constante em toda a história africana, em cada período, possui características diferentes (Bigler e Kraler; 2005). Nas ultimas quatro décadas, as dinâmicas políticas e econômicas têm provocado a centralização da população nas capitais dos estados de maior tamanho e economias fortes na região, como Lagos na Nigéria, Abidjan em Costa do Marfim. Esse crescimento rápido e não planejado, começou na década dos setenta, acompanhando as expectativas de pacificação e desenvolvimento econômico e social após os processos de descolonização, o impulso industrial e fundamentalmente o boom do petróleo na Nigéria e do cacau e café na Costa do Marfim. Muitas das expectativas de desenvolvimento foram posteriormente frustradas pelas sucessivas crises produtivas, a instabilidade econômica e política da região (Dumtra; 2003 – Sebastian; 2006).

O reforçamento dos sentimentos nacionalistas, somados à instabilidade econômica com sucessivas crises e a quebra dos projetos nacionalistas e socialistas, criaram um padrão

² Sem desconhecer sua diversidade interna, tomarei como uma primeira unidade de análise a região de África Ocidental devido à particular configuração e densidade dos movimentos migratórios dentro da região, que apresentando padrões de população muito diferentes podem ser analisados como uma unidade funcional se olhados desde a perspectiva de análise dos movimentos de população (Adepoju; 2006).

³ Sobre os diversos significados dessa mobilidade e os cuidados necessários para não reificar os processos migratórios como unidade de análise ver Bigler e Kraler (2005).

de migrações substitutivas em que a população rural chega aos centros urbanos para ocupar o lugar que outros habitantes mais qualificados deixaram vagos ao saírem do país, com destino a outros países mais desenvolvidos, no próprio continente, Europa ou América do Norte. Esses movimentos de população se complementam com um importante crescimento da população que não é acompanhado por um crescimento dos serviços básicos que permitam administrar a cidade.

Para compreender a aparição dos grandes centros urbanos, altamente povoados e com uma baixíssima infra-estrutura que permita prover os serviços básicos como abastecimento de energia, saneamento, transporte, saúde e educação é necessário entender a particular dinâmica histórico-política da região, caracterizada pela forte mobilidade humana.

Localizados em um dos muitos bairros da cidade de Lagos, os jovens que entrevistei fazem parte dos 16.000.000 de habitantes que -se especula- a cidade tem. Com uma escolarização de primeiro e segundo grau completa (ou quase) a grande maioria dos jovens entrevistados mora longe de suas famílias de origem e tem como grupo de referência o grupo de pares e as redes sociais vinculadas ao bairro. Ao serem perguntados pelos vínculos familiares, a maioria deles refere à mãe e irmãos homens, e em alguns casos, irmãs e irmãos mais novos como os principais vínculos, sendo que pais, tios e avós são referências vagas. Em muitos casos os vínculos referidos como próximos não envolvem coabitação ou contatos cotidianos, nem sequer freqüentes. As tarefas domésticas, a obtenção de recursos para a subsistência e a troca de alegrias e angústias cotidianas se realiza fundamentalmente com as pessoas geograficamente mais próximas, não necessariamente vinculadas por laços familiares.

O grupo de amigos mora em diferentes quartos de edifícios construídos para serem habitados por muitas famílias, com corredores longos e pátios centrais. Os banheiros estão localizados fora do prédio e são de uso coletivo. Para tomar banho, assim como para fazer a descarga, é preciso levar água em baldes, já que as instalações de água encanada poucas vezes estão funcionais. Geralmente a água chega à madrugada, momento em que todos os habitantes do prédio a coletam em tanques, que guardam em cada quarto para uso pessoal e doméstico. O serviço de energia também é imprevisível, e geralmente a eletricidade é produzida em forma individual por geradores de petróleo com um custo bastante elevado. Sem um fornecimento regular de eletricidade de água, tanto as atividades domésticas, como as atividades recreativas, como ouvir música, ou assistir televisão, estudar ou ler a leitura a noite, são difíceis de realizar.

Nas habitações que visitei, os eletrodomésticos mais comuns são televisões, equipes de som e reprodutores de dvd. A maioria das pessoas cozinha com carvão ou em pequenos fogões de gás engarrafado e não existem máquinas de lavar roupas ou outro tipo de aparelhos

auxiliares das tarefas domésticas, para além do ferro. Os telefones fixos (em casas ou de uso público) são muito difíceis de achar, mas quase todo mundo tem telefones celulares pré-pagos, e um dos negócios informais mais desenvolvidos é a venda de créditos e chips para celulares por ambulantes ou por vendedores sentados em mesas nas ruas. Praticamente ninguém tem computador em casa e o acesso à internet se realiza através de cyber-cafés, que não são difíceis de achar em diferentes pontos da cidade. Esses estabelecimentos oferecem serviços mais ou menos razoáveis nos quais é possível navegar na rede e utilizar diferentes sistemas de mensageria instantânea. São também utilizados para o processamento e impressão de textos e cópia de cds e dvds. Em geral a velocidade da internet e dos micros não permite utilização de câmeras web nem o trabalho com imagens ou outro tipo de arquivos mais pesados.

Os demais serviços que estamos acostumados a naturalizar em outras cidades também são pouco frequentes ou mal organizados em Lagos. O serviço de transporte público está em mãos de particulares, em táxis ou pequenas camionetes que fazem às vezes de ônibus. É caro e com percursos pouco definidos e sem horários. O tráfego é extremadamente lento e caótico para quem não estiver acostumado a suas regras, e o número de carros circulando é altíssimo.

A difícil situação de desabastecimento, problemas de mobilidade, violência e desemprego presente nesta e em outras cidades da região contrasta, contudo, com a situação do meio rural pela sua “modernidade”, representada no dinamismo, na sua índole contraditória e aberta e, fundamentalmente, na disponibilidade de meios de informação, educação e comunicação. O complexo mapa traçado entre opções e determinismos, modernidade e tradição, abundância e desabastecimentos e a localização desses jovens nele, é representada por meus informantes na polissêmica definição de si mesmos como “jovens do gueto”.

Por muito restritiva que a situação na cidade seja, esses elementos são frisados por esses jovens como fazendo a diferença para a permanência na cidade em oposição ao retorno a regiões rurais. Em regiões rurais muitos desses jovens contam com redes familiares que os poderiam sustentar, ou pelo menos os brindar com um espaço social onde seriam integrados, participando de atividades produtivas, em posições subalternas. Mas essa opção não é atrativa o suficiente em comparação à cidade que oferece um nível superior de informação e comunicação, a ruptura com as tradições e integração a um mundo global. A cidade oferece a liberdade de escolha e a individualização impossibilitadas no meio familiar pelas carências e pelo controle estabelecido em comunidades caracterizadas por seus componentes tradicionais, hierárquicos e patriarcais (Van Der Geest; 2004).

A cidade, o gueto, ou a cidade-gueto, representam um estranho ponto de encontro entre a integração ao “mundo moderno”, que eles pretendem compartilhar e a saída do mundo tradicional. Ao mesmo tempo em que oferece oportunidades, os estanca nas suas limitações estruturais que os empurram à migração. Em outras palavras, o que esses jovens buscam primeiro na cidade e nos projetos migratórios é aquilo que Ferguson (2002) chama de *membership*, e que vem a significar a possibilidade de participação no que é entendido como moderno desde uma construção local. Neste caso essa modernidade envolve não somente as possibilidades de consumo de bens ou maior conforto, mas uma série de significados e oportunidades que o ambiente rural não pode oferecer. Mais do que o consumo de música, roupas e tecnologia, apresenta oportunidades de progresso pessoal, mobilidade e aumento de capitais e prestígio que estão representadas por um tipo específico de consumo. A modernidade à qual esses jovens pretendem se integrar representa uma das chaves de análise da identidade de gênero e geração que estamos tentando abordar e compreender. Na cidade, ela é ao mesmo tempo oferecida e negada, mas por cima de tudo representa uma aspiração de grupo de jovens que compartilha gostos musicais, paixão pelos esportes, interesse pela tecnologia e uma dificuldade comum para se integrar de uma forma à comunidade, mediante as expectativas que são projetadas sobre eles.

Contudo, a separação dos modelos tradicionais não significa uma ruptura ou uma oposição absoluta com seu meio social ou uma adesão a valores ocidentais. Pelo contrario, ela significa um caminho alternativo à obtenção de atributos de prestígio associados à masculinidade dentro da cultura local, que não são possíveis de obter por outros caminhos. Ao mesmo tempo em que ela revela uma subversão dos caminhos mais tradicionais para a obtenção desse prestígio, o confronto com os valores tradicionais se estabelece dentro de convenções que estão muito longe das concepções ocidentais de identidade, mas que referem as lógicas próprias das dinâmicas culturais da região. Neste sentido os projetos migratórios desses jovens estão marcados por variáveis e representações de gênero e idade, que devem ser entendidas no contexto histórico e cultural em que elas são produzidas⁴.

Enquanto “homens” espera-se que esses jovens sejam capazes de construir seu próprio futuro, gerando as condições econômicas que permitam sustentar uma família. Existe também certa exigência de bem estar econômico e de redistribuição de bens que garanta um lugar na

⁴ Neste sentido resultam muito esclarecedores os trabalhos de Gandoulou (1984) e Friedman (1999) sobre os Sapeurs-Aventuriers, jovens de Congo Brazaville, que realizam migrações temporárias a Paris com a finalidade de comprar roupas de marcas prestigiosas para serem exibidas em danças rituais no país de origem. Os autores mostram como essa forma de consumo de bens ocidentais de prestígio responde à lógicas de consumo e formas de construção de identidades fortemente arraigadas na cultura local, e não as formas de consumo ocidental com as quais poderiam se assimilar se olharmos desde a perspectiva dos objetos consumidos e suas funções em ocidente.

sociedade, fortemente vinculado ao capital econômico e social que a pessoa possui. São os caminhos para a construção de um espaço social próprio que esses jovens não acham possibilidades de transitar. Eles olham para si mesmos como estando na mais desvantajosa das situações. Em primeiro lugar se colocam em oposição às mulheres da sua idade, que eles entendem, não tem expectativas de desenvolvimento pessoal, nem maiores problemas de posicionamento social. Enquanto -sempre desde a visão destes jovens- as jovens podem esperar pelo homem que venha a sustentar o lar, eles não possuem os meios econômicos para oferecer o que elas esperam, e não parecem ter condições de consegui-las. Elas podem se engajar em atividades produtivas mais domésticas, como a confecção de vestimenta, produção de alimentos para o consumo local ou pequenas lojas de comestíveis. Essas atividades não são igualmente valorizadas quando exercidas por homens. As atividades destinadas a eles, como o comércio de alimentos ou cartões de telefone nas estradas são altamente sacrificadas e de poucos ingressos, e são realizadas de forma esporádica, com a finalidade de sustentar gastos mínimos de subsistência, mas nunca entendidas como formas de desenvolvimento pessoal.

Assim, os espaços de identificação e de produção de imagens positivas de si mesmos são muito reduzidos, entre os quais destacam-se dois, das diferentes Igrejas, evangélicas, adventistas entre os muitos grupos religiosos presentes na região, e o grupo de pares. No primeiro deles, muitos jovens encontram espaços onde podem capitalizar seus recursos pessoais para construir um lugar de prestígio. Não é o dinheiro, a malandragem, mas os valores de respeito, a simpatia, as redes sociais as que outorgam o prestígio no meio. No grupo de pares, uma série de interesses comuns e fundamentalmente uma visão de futuro compartilhada que enxerga a migração como a única alternativa de transformação naqueles que eles mesmos desejam ser.

De um lado temos esses jovens com muitas dificuldades para encontrar um espaço social que os satisfaça. Do outro, temos uma tendência da população a migrar e uma familiaridade com o transitar entre fronteiras, e com a mobilidade como uma estratégia de longa data. A multiplicidade de fronteiras, acumuladas ao longo da história da região durante os diferentes regimes políticos, que não se substituem nem se anulam, mas que entram em concorrência e borram-se umas às outras. Essas fronteiras étnicas, lingüísticas, nacionais, geográficas geram uma multiplicidade de pertencimentos e identidades, que coloca a esses jovens em condições de migrar mais uma vez.

A travessia como rito de passagem

Mas a identidade desses jovens não deveria ser referida somente em função de elementos negativos, por oposição ou negação do lugar que eles não conseguem ocupar. Se a sociedade projeta sobre eles uma imagem pouco valorizada, que é referida em seus discursos sobre a situação à que se confrontam, eles também são capazes de enunciar seu lugar de forma positiva, com um destino a conquistar pela frente. Assim, é possível para esses jovens construir uma identidade, não contraposta, mas alternativa àquela que lhes é imposta. Algumas características com as que eles se identificam, ou que identificam como próprias são enunciadas como as posses mais importantes para conquistar esse futuro: coragem, fé, dinamismo, flexibilidade, e fundamentalmente, vontade de se dar bem no mundo.

Masculinidade não é um termo unívoco, diferentes noções de masculinidade podem referir simultaneamente, ou sequencialmente à mesma pessoa. Esses significados dependem da pessoa que os está enunciando, daquela que é referida e em diferentes contextos. Na prática, as pessoas operam com uma série de significados, próximos e familiares, mas não exatos que envolvem uma multiplicidade de domínios, identidades, comportamentos e até objetos (Cornwall-Lindesfarne; 1994).

Caminhando rumo a um táxi, desde sua casa, Eric e Martin me explicam como exemplo das diferenças entre os homens e as mulheres jovens, a forma em que internet é utilizada. Segundo eles, as meninas não vão muito ao *café* porque não têm muito interesse em navegar na internet, muitas delas inclusive, não sabem como internet funciona. Elas não realizam esforços em aprender, e nos casos em que utilizam esse médio de comunicação e para coisas “pouco importantes” como pesquisar coisas sobre os programas de televisão, ou focar sobre os artistas. Segundo eles, os meninos fazem um uso mais construtivo da informação que pode ser obtida na rede. Preocupados em pesquisar diferentes lugares e fundamentalmente em fazer amigos no exterior, os jovens põem os meios tecnológicos a trabalhar na consecução de seus planos de migrar. A crítica aos usos diferenciados da rede aparece como coerente aos dois posicionamentos que eles marcam como diferenciados entre os dois sexos. O uso que as meninas fazem da internet (quando o fazem) reforça sua participação no mundo doméstico e fundamentalmente local. Em oposição, os meninos utilizam a rede como uma forma de ampliar seu universo de referência e suas redes sociais, ou seja, de se projetar no mundo⁵.

⁵ Num contexto diferente, na comunidade de Boa Vista em Cabo Verde, Lobo (2006) descreve uma situação diferente. As dinâmicas sociais também estão marcadas pela saída da população e pela sensação geral de que a migração é a única alternativa para a melhora das condições de vida. Neste caso, o componente de gênero também é determinante, mas são as mulheres as que buscam “fazer a vida” em Europa. Parece interessante acusações similares, mas do lado das mulheres aos homens. Na fala dessas mulheres, são eles os que não tem uma previsão de futuro, vivendo no dia a dia e sem assumir as responsabilidades familiares nem oferecer o devido respeito a suas mulheres, no país ou no exterior.

Como em muitos outros casos, masculinidade é definida por oposição à feminilidade. A identidade de gênero depende implicitamente da aquisição de atributos apropriados para cada gênero, mas parece mais trabalhosa a construção de uma identidade masculina, do que da feminina. A masculinidade aparece essencialmente como um bem, que pode ser possuído, medido, ou perdido. Talvez pelo fato de se tratar de um reconhecimento exterior, os jovens com que trabalhamos parecem entender o papel da mulher como algo mais natural, uma identidade outorgada pelo passar das fases vitais, casamento, filhos e como papéis que serão cumpridos pelo próprio transcorrer do tempo, e não em função do esforço pessoal. Ao contrário, o menino torna-se homem a partir de um processo de aquisição ou legitimação de certos atributos sociais.

Na antropologia clássica existe uma série de trabalhos etnográficos sobre os denominados “ritos de passagem” pelos quais adolescentes, fundamentalmente de sexo masculino, atravessam para se converterem em homens. Para o tipo de antropologia realizada hoje -que aborda grupos com diferentes pertencimentos, fazendo parte de sociedades diversificadas e altamente hierarquizadas econômica e socialmente e integrados a densas redes de comunicação locais e globais- não é possível estabelecer, de forma tão clara, esses processos de transito entre categorias sociais, nem significados homogêneos para esses ritos. Contudo, a idéia de rito de passagem pode nos ajudar a compreender alguns dos significados que a travessia tem para os jovens que as planejam e as executam.

A travessia, em todas suas fases, desde as iniciais que correspondem às trocas de informação sobre o tema, até sua realização, com sucesso ou não, podem ser entendidas como procedimentos que conferem atributos de prestígio. O fato de se lançar à aventura embarcando de forma clandestina em barcos de carga, não é meramente utilitário, ele não representa simplesmente uma forma alternativa de deslocamento a outras realidades mais promissórias, mas envolve uma série de atributos altamente valorizados por esses jovens, como o valor de correr riscos, a fé num futuro melhor, a ousadia, e a confiança na própria resistência.

O empreendimento de uma aventura desse tipo implica uma importante dose de temeridade, e até certo ponto de “irresponsabilidade” para afrontar os riscos pelos quais esses jovens sabem que vão atravessar, mas também requer uma série de conhecimentos, habilidades e certa inserção em redes sociais apropriadas, que são próprias desses jovens. Embarcar em navios de forma clandestina é coisa de meninos no amplo sentido. São os homens que embarcam nos navios de carga, são eles que planejam a aventura, conformam os grupos em que vão embarcar, transmitem os conhecimentos necessários, como os elementos a levar com eles, como se comportar dentro do barco, como ingressar no porto por terra ou por

água para acessar o barco, como escolher o barco, etc. São também eles os que lidam com o fato de seus amigos terem embarcado, portanto terem sumido das redes familiares e de amizade e de manter o segredo da localização desses jovens até eles terem alcançado o destino esperado, ou retornarem ao local de origem.

Depois da travessia ...

Se as condições de vida que levam aos jovens a empreender a travessia são muito duras, uma vez no lugar de destino, os desafios que eles confrontam são também importantes. A diferença de outras localidades, como a Europa mediterrânea onde a chegada de população africana através do mar é notícia cotidiana, *polizontes* e naufragos africanos em costas de América do sul não têm uma representação social tão evidente. Além do aprendizado de uma nova língua, da escassa presença de redes de nacionais, e as dificuldades de acessar a entidades governamentais ou organizações da sociedade civil, esses jovens confrontam o desafio de explicar sua experiência e de se explicar eles mesmos frente a uma sociedade que praticamente desconhece África, para além de representações estereotipadas construídas a partir das notícias de crises bélicas ou ambientais nos meios de comunicação, ou da herança cultural do período da escravidão.

A partir de minha pesquisa com esses imigrantes em Uruguai, posso afirmar que esse primeiro grande desafio é continuado por outros muitos. Construir redes sociais de referência, obter emprego, vencer na luta contra os procedimentos burocráticos para obter a documentação e permanecer dentro dos prazos de validade e legalidade, enfrentar eventuais episódios de racismo, discriminação policial, e se incorporar cada vez mais em códigos culturais, sociais e legais muito diferentes dos conhecidos e dos imaginados até esse momento. Convenções de gênero são um dos pontos que mais geram dificuldades, tanto no relacionamento com homens quanto com mulheres da sua idade. No que refere às mulheres, eles manifestam uma importante dificuldade para se vincular com os códigos utilizados para a conquista, o namoro-amizade e o relacionamento sexual, mas também nas expectativas relativas ao casamento. Contudo, as queixas por desentendimentos com as mulheres expressam uma disponibilidade maior ao estabelecimento de vínculos e redes sociais do que com os homens de sua mesma idade. Apesar de que a maioria deles conta com uma rede mais ou menos estreita de jovens com os quais se vinculam, no trabalho, para fazer música, ou simplesmente para socializar, a posição quase unânime é que resulta impossível ser amigo dos uruguaios.

O grupo de africanos se coloca em oposição aos uruguaios fundamentalmente pela sua “atitude”. Segundo os nigerianos, os uruguaios não querem se desenvolver, mas simplesmente

ficar na praça tomando mate. Aquelas características valorizadas positivamente às quais me referi anteriormente: vontade de progresso e confiança em si mesmos para o acúmulo de capitais econômicos e educativos parecem ser negadas pela comunidade de jovens uruguaios à qual eles não conseguem se integrarem. Com indignação e surpresa, Simon me conta como um dos amigos mais próximos de Maldonado lhe manifestou que não quer ser rico, mas “levar uma vida tranqüila e ser feliz”. Essa que parece uma expressão normal de um jovem uruguaio, que não geraria nenhuma surpresa em outros uruguaios, resultava praticamente incompreensível para meu interlocutor. Mas resultaria difícil de entender também para seus amigos nigerianos e para a grande maioria dos jovens que como eles estão em Lagos esperando por uma oportunidade, quase milagrosa, de sair do continente. Essa oportunidade que eles acham lhes permitiria desenvolver suas forças de trabalho e talentos pessoais, gerar riquezas pessoais, prestígio e capitais possíveis de serem distribuídos nas redes de origem, lhes outorgando uma posição social e prestígio.

Em contrapartida às muitas dificuldades com que esses jovens se confrontam para se integrar nessa sociedade nova, até certo ponto desconhecida e não esperada, encontra-se um novo papel, entre o herói e o escolhido -ou “survivors” como alguns deles se autodenominam-, que esses jovens vêm a representar tanto na sociedade de destino, quanto entre as redes de amizade no local de origem.

Falei da praticamente inexistência de uma representação social que possa enquadrar os imigrantes africanos em países do cone-sul. Isto tem seus lados negativos, mas também alguns lados positivos. Se num primeiro momento essa ausência de referentes faz mais difícil o primeiro momento de se localizar e se dar a entender, permite posteriormente construir um referente social mais a medida desses jovens, sem o peso que casos similares têm em países desenvolvidos onde a migração é um problema mediático.

No local de origem, esses jovens representam para o grupo de pares a realização de um projeto coletivo, mas a superação de obstáculos e perigos que todos eles conhecem de forma anedótica, mas que através da experiência de seus amigos viveram na sua realidade concreta.

Bibliografia

- ADEPOJU, Aderanti. 2006. “Changing Configurations of Migration in Africa”. *Migration Information Source*. Washington: Migration Policy Institute.
- BILGER e KRALER. 2005. “Introduction: African migrations. Historical perspectives and contemporary dynamics”. *Stichproben. Wiener Zeitschrift für kritische Afrikastudien* Nr. 8/2005, 5. Jg.

- BLACK, Richard. 2004. "Migration and Pro-Poor Policy in África". *Development Research Centre on Migration, Globalization and Poverty*. Arts C-226.
- DRUMTRA, Jeff. 2003. "West Africa's Refugee Crisis Spills Across Many Borders". *Migration Information Source*. Washington: Migration Policy Institute.
- FINDLEY, Sally. 2004. "Mali: Seeking Opportunity Abroad" *Migration Information Source*. Washington: Migration Policy Institute.
- FERGUSON, James. 2002. "Of mimicry and Membership: Africans and the 'New World Society'". In *Cultural Anthropology, Journal of the society for cultural anthropology*. Volume 17. número 4. p. 551-571.
- FRIEDMAN, Jonathan. 1999. Ser no mundo: Globalização e localização. In: *Cultura global nacionalismo, globalização e modernidade*. Petrópolis: Vozes, p. 329-348
- GANDOULOU, Justin-Daniel. *Entre Paris et Baongo*. Paris: Centre George Pompidou, 1984.
- HORST, Cindy. 2004. "Money and mobility: transnational livelihood strategies of the Somali diaspora". *Global Migration Perspectives GCIM* 9.
- LOBO, A. S. "Fazendo a Vida. 2006. Conjugalidade, Maternidade e Paternidade em Famílias de Mulheres Emigrantes, Cabo Verde". In: 25ª Reunião Brasileira de Antropologia, Goiânia. Anais da 25ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2006.
- MAFFIA, Marta. 2003. "Una contribución a la construcción del mapa de la diáspora caboverdiana. El caso argentino". *Memoria & Sociedad*. No. 15 p. 239-253.
- MAZZUCATO, Valentina. 2005. "Ghanaian migrants' double engagement: a transnational view of development and integration policies". *Global Migration Perspectives GCIM* 48.
- MOORE, Henrietta; 1997 "Understanding sex and gender"; *Companion Encyclopedia of Anthropology*, Tim Ingold (ed.); Londres: Routledge, p. 813-830.
- URIARTE, Pilar; 2007. "Migrações entre a Costa do Marfim e a Venezuela: local, global e transnacional através da perspectiva etnográfica". *Cartografias da imigração: Interculturalidade e Políticas Públicas*. Porto Alegre: UFRGS Editora, p. 217-263.
- VAN DER GEEST, S. 2004. "Grandparents and grandchildren in Kwahu, Ghana: the performance of respect". In *África*, Vol. 74, No 1, 47-61.
- SCOTT, Joan; 1990; "Gênero: uma categoria útil de análise histórica"; *Educação e Realidade*; Porto Alegre, 16 (2) p. 5-22.
- SAYAD, Abdelmalek. 1998. *A imigração*. São Paulo: EDUSP.
- SEBASTIÁN, Luis de. 2006. *África, pecado de Europa*. Madrid: Editorial Trotta.